

PESQUISA DO IPEA

Instituto erra estudo sobre abuso contra mulheres

Ipea corrigiu que são 26%, e não 65% dos brasileiros, que acham que mulher com roupa que mostra o corpo merece ser atacada

BRASÍLIA

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão do governo federal, informou ontem que errou ao divulgar na semana passada pesquisa segundo a qual 65,1% dos brasileiros concordam inteiramente ou parcialmente com a frase “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. De acordo com o instituto, o percentual correto é 26%.

O diretor de Estudos e Políticas Sociais do Ipea, o cientista social Rafael Guerreiro Osório, pediu exoneração assim que o erro foi constatado. Osório ingressou no Ipea em 1999 e é autor de estudos sobre mobilidade social, desigualdade e pobreza.

A pesquisa divulgada com erro é intitulada “Tolerância social à violência contra as mulheres” e teve ampla repercussão. A presidente Dilma Rousseff chegou a comentar no Twitter, com base nos dados da pesquisa, que o país tem “muito o que avançar no combate à violência contra a mulher”.

Segundo o Ipea, a pesquisa ouviu 3.810 pessoas entre maio e junho do ano passado em 212 cidades. Do total de entrevistados, 66,5% são mulheres.

Em nota divulgada ontem, o instituto pede desculpas e informa que “o erro relevante” foi motivado por uma troca de gráficos que inverteu resultados de duas das questões – “Mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar” e “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”.

“Com a inversão de resultados entre as duas questões, relatamos equivocadamente, na semana passada, resultados extremos para a concordância com a segunda fra-



DIRETOR DO IPEA, Rafael Guerreiro Osório pediu demissão após erro na pesquisa que causou polêmica no País

se, que, justamente por seu valor inesperado, recebeu maior destaque nos meios de comunicação e motivou amplas manifestações e debates na sociedade ao longo dos últimos dias”, diz o texto da nota.

Apesar do erro, a nota do Ipea afirma que as conclusões gerais da pesquisa “continuam válidas”.

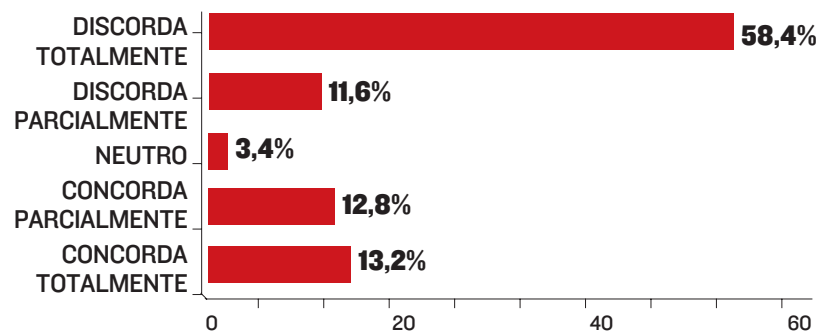
“Pedimos desculpas novamente pelos transtornos causados e registramos nossa solidariedade a todos os que se sensibilizaram contra a violência e o preconceito e em defesa da liberdade e da segurança das mulheres”, afirmou o instituto.

“Registramos nossa solidariedade a todos os que se sensibilizaram contra a violência e o preconceito e em defesa da liberdade e segurança das mulheres”

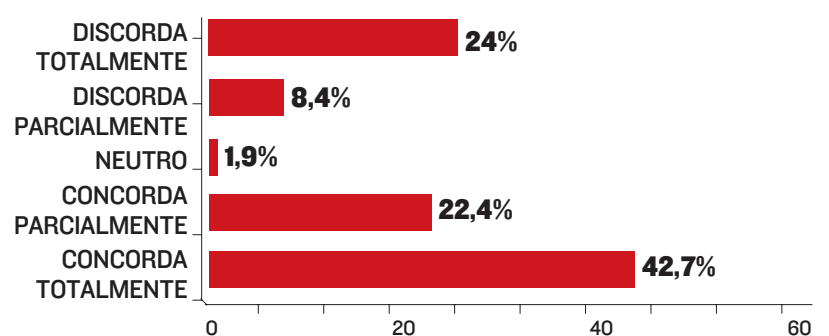
Trecho da nota do Ipea

Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas

Pesquisa com dados corrigidos



Pesquisa que foi publicada com os dados errados



Autora de campanha diz estar “feliz”

A jornalista Nana Queiroz, de Brasília, que iniciou o protesto “Eu não mereço ser estuprada”, nas redes sociais, disse ontem estar “feliz” porque o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) errou os números da pesquisa. Em vez de 65,1% dos brasileiros concordam com a frase “Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”, o percentual correto é 26%.

“Estamos muito felizes que eles tenham errado, mas 26% ainda é muito alto. E isso só mostra o



NANA QUEIROZ iniciou campanha

quanto é necessário manter o movimento, e vamos continuar trabalhando até que este número seja de 0%”, afirma Nana.

O protesto iniciado pela jornalista se espalhou pelas redes sociais, com fotos de homens e mulheres reproduzindo a frase: “Eu não mereço ser estuprada”, em fotos pessoais.

Pelo Twitter, ela disse que foi ameaçada de estupro devido à repercussão da campanha e recebeu a solidariedade da presidente Dilma Rousseff, que no microblog,

disse que o País tem “muito o que avançar no combate à violência contra a mulher”.

Nana Queiroz agradeceu à presidente, mas pediu mais ações de combate à violência sexual, com aprovação de leis que protejam mulheres de crimes virtuais. Ela disse que vai continuar a campanha em busca de um objetivo.

“Tudo continua igual. A gente continua tendo o mesmo objetivo. A vítima não tem culpa. A gente vai mudar a cabeça desses 26%”, afirmou a jornalista.